

REVISTA ADVENTISTA

Órgão da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Semana da Prece em 1943

4-11 de Dezembro



«Vigiai e orai para que não entreis em tentação»

Jesus, em S. Mateus 26:41

SEMANA DA ORAÇÃO

4 a 11 de Dezembro de 1943

PRIMEIRA REÜNIÃO

SABADO, 4

O Tempo, A Mensagem, O Mensageiro

Seis mil anos de história humana contemplam a nossa época. Desde a entrada do pecado e da morte no mundo, patriarcas e profetas concentraram as suas esperanças e orientaram as suas predições sobre a época em que Jesus viria como Rei dos reis para banir definitivamente deste mundo o flagelo da desobediência e tôdas as suas nefastas conseqüências no seio da humanidade. Divisando o futuro para além da primeira vinda do Redentor, anteviram pela fé e puzeram por escrito os acontecimentos que deviam imediatamente preceder o dia em que «o Filho do homem virá sobre as nuvens do céu com poder e grande glória». Foi-nos dado ver o que «homens falando da parte de Deus» não contemplaram «outrora» senão através do véu das suas visões proféticas. A profecia e a história abraçaram-se, e nós vivemos numa época extraordinariamente solene.

É com o coração repleto de gratidão e louvor para com Deus, e com um vivo sentimento da nossa indignidade, que neste primeiro Sábado da semana de oração confessamos a grandeza do privilégio que nos é concedido, como membros da Igreja final, de contemplar o que se passa sob os nossos olhos, e de nos aplicar as palavras de Jesus aos Seus discípulos: «Em verdade vos digo, muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; ouvir o que vós ouvís, e não o ouviram».

Mesmo os homens que não gozam da iluminação que dá a «firme palavra dos profetas» reconhecem que o nosso tempo é sem paralelo na história. O século passado deixou realizados progressos admiráveis no domínio das ciências, da mecânica, da electricidade, da telegrafia, da rádio e da aeronáutica. O mundo da técnica foi revolucionado; no que concerne aos mo-

dos de comunicação, o tempo e o espaço foram de certo modo suprimidos. Chegouse, em muitos países, a acalantar a esperança que se marchava para um mundo melhor, uma era de paz e de prosperidade. Um despertar doloroso sobreveio. A guerra mundial, que parecia improvável; senão impossível, tomou posse dos povos a pontos de ameaçar a existência da própria civilização. Vivemos num mundo suprimido e desilusionado, ao qual bem se aplica esta parábola do profeta Isaías: «Eis que as trevas cobrem a terra e a escuridão os povos».

Mas no seio desta noite espessa brilha a luz da palavra profética confirmada pelos acontecimentos que se desenrolam sob os nossos olhos. O profeta Isaías predisse o espírito de licenciosidade e de anarquia que caracterizava os últimos dias, combinado com o abandono de Deus, o Legislador supremo e Criador de tôdas as coisas.

Séculos mais tarde, falando com os seus discípulos dos dias que precederiam a Sua volta, Jesus comparou-os com a época de iniquidade dos tempos ante-diluvianos.

Vivemos actualmente sob o signo da «hora do juízo», cuja cena é descrita no segundo capítulo do livro de Daniel, e que precede imediatamente a entrada do Filho de Deus no seu reino. Os livros onde são escritas tôdas as acções dos homens «estão abertos». Esta «hora do juízo» devia soar ao expirar do mais longo dos períodos proféticos, o dos 2.300 dias revelado no oitavo capítulo de Daniel, e que devia começar em 1844. Isto quer dizer que ela em breve atingirá a duração de um século.

A espantosa profecia do capítulo 2.º de Daniel prova-nos indiscutivelmente que vivemos nos últimos dias. Os possantes

impérios dos babilônios, dos medo-persas, dos gregos e dos romanos afundaram-se no abismo das suas ambições quiméricas para dar lugar aos Estados modernos. Não vos dais conta, meus presados irmãos e irmãs, que vivemos na extremidade da grandiosa procissão dos acontecimentos terrestres? E não devemos nós agradecer a Deus, com fervor, por Êle nos permitir ter chegado «ao tempo em que a salvação deve ser manifestada», salvação que Deus nos adquiriu por tão elevado preço?

A mensagem

Antes de entregar Sodoma e Gomorra à destruição, Deus dirigiu aos seus habitantes uma mensagem de advertência que os teria salvo. Antes que o mundo antediluviano tivesse enchido o cálice das suas iniquidades, e antes de o abandonar às águas vingadoras do dilúvio, Deus deu-lhe, por meio de Noé, o «prégador da justiça», uma oferta misericordiosa de salvação.

É o nosso tempo também favorecido por uma mensagem? Em resposta a esta pergunta, o apóstolo S. João transmitiu-nos uma revelação que recebeu do próprio Jesus Cristo. Ei-la: «E vi um outro anjo voando pelo meio do céu, e tinha o Evangelho eterno, para o anunciar aos habitantes da terra, a tôda a nação, e tribu, e língua e povo, clamando com grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, porque é vinda a hora do Seu juízo; e adorai Aquêle que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas». Estas últimas palavras são idênticas às que se encontram relativas ao dia de repouso.

«E um outro, um segundo anjo seguiu, dizendo: Caíu, caíu a grande Babilônia, que deu a beber a tôdas as nações o vinho do furor da sua impudícia».

«E um outro, um terceiro anjo, os seguiu, clamando com grande voz: Se alguém adorar a bêsta e a sua imagem e receber a sua marca na sua testa ou na sua mão, beberá também o tal do vinho da ira de Deus, lançado sem mistura no cálice da sua indignação, e será atormentado no fogo e enxôfre, diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E o fumo da sua tormenta subirá por séculos de séculos, e não terão repouso nem de dia nem de noite, os que adorarem a bêsta e a sua imagem, e qualquer que receber a marca do seu nome».

Esta tríplice mensagem contém «o Evangelho eterno» tal qual deve ser pro-

clamado nos últimos tempos. Contém uma *verdade presente* para a nossa época, e por ela, Deus oferece a um mundo agonizante a boa nova duma salvação que só nos, pode trazer o nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

O mensageiro

O resultado da proclamação desta tríplice e última mensagem é dado nestes termos nesta mesma visão: «Aqui está a paciência dos santos, que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus».

No plano de Deus, aquêle que recebe uma mensagem torna-se mensageiro. Foi assim quando Jesus esteve na terra. Aquêles que recebiam o seu terço apêlo, Êle dizia: «Ser-me-eis testemunhas». E aquêles que, nos últimos tempos, acolherão o Seu mandato, Êle faz dizer pelo apóstolo João: «E aquêle que ouve, diga: Vem». Não é um grande favor que o céu nos confere, prezados irmãos e irmãs, de sermos chamados a participar na grande obra final do Evangelho? Enquanto que os homens reconhecem a instabilidade e a incerteza das coisas humanas, o Senhor declara-nos pela Sua palavra: «Porventura não te escrevi excelentes coisas acêrca de todo o conselho e conhecimento, para te fazer saber a certeza das palavras de verdade, para que possas responder palavras de verdade aos que te enviarem?» (Prov. 22:20, 21).

A certeza da mensagem não deixa a mínima dúvida a ninguém. A única questão a resolver é a da nossa atitude em face desta mensagem e da nossa dedicação para com o nosso Salvador.

É certo que depois da guerra os homens se entregarão de novo a conjecturas de paz e perspectivas de prosperidade material fundadas sôbre os acordos internacionais e sôbre as descobertas científicas. Mas nós sabemos que na época de infelicidade em que vivemos, a única esperança do mundo reside na promessa bem dita da próxima volta do Senhor.

Eis aqui o que o Espírito de Profecia nos dizia muito antes das duas guerras mundiais: «Em breve os povos serão chamados a atravessar um período de angústia extrema, angústia que não cessará antes da vinda de Jesus. Mais do que nunca, temos necessidade de cerrar fileiras e de nos ligar Aquêle que elevou o Seu trono nos céus e cujo ceptro se estende sôbre o universo. A nossa segurança consiste

em não o abandonar, pois Êle não abandonou o Seu povo. Os seus juizos percorrem a terra. As guerras e os rumores de guerras, as inundações, os desastres causados pelo fogo e pela água, advertem-nos claramente que êste tempo de angústia, que irá aumentando até ao fim, está à porta. Não temos tempo a perder. O mundo está todo agitado do espirito da guerra». (*Review & Herald*, 24 de Novembro de 1904).

De que maneira surpreendente e significativa não se têm realizado estas predições nestes últimos anos! Com que exactidão as nossas vidas e os nossos lares adventistas não têm sido affectados pelos acontecimentos que nos exortavam a viver mais perto de Deus! A situação do mundo inteiro grita aos cristãos que se voltem para Deus de todo o coração. Hoje mais do que nunca, o nosso dever é pôr-nos inteiramente ao serviço do Mestre. Apliquemo-nos pessoalmente, e comuniquemos aos nossos semelhantes, esta promessa bemdita saída do plano da redenção, segundo a qual «se confessarmos os nossos pecados, Êle é fiel e justo para nos perdoar êsses nossos pecados e nos purificar de tôda a injustiça».

Durante esta semana de orações, lembremo-nos particularmente daquêles que nos são queridos e dos nossos amigos. Tenhamos pelo cuidado da salvação do nosso próximo, a mesma angustiada urgência que tiveram os anjos envidados a Sodoma antes da sua destruição. Êles disseram a Lot: «Que tens tu ainda aqui? Genros, filhos e filhas e tudo o que te pertença na cidade, faze-os sair dêste lugar. Porque vamos destruir êste lugar, pois o clamor contra os seus habitantes é grande diante do Eterno. O Eterno nos enviou para a destruir».

A Igreja de Deus, «transformada e iluminada pela glória do Emmanuel», está em vias de cumprir a obra que o Seu Deus a encarregou de cumprir para Êle. Não é pois um grande privilégio, numa hora como esta, ser membro da Igreja final? Entre aquêles que lerão estas linhas haverá sem dúvida alguns dos que se deixarão cair no desânimo e na frieza por causa das imperfeições que terão constatado ou crido constatar na vida de irmãos e irmãs da Igreja. Oh! Deixai-me convidar-vos, esta manhã, a volver os vossos olhares para longe dos pobres mortais, vacilantes como nós, para fixá-los sobre o nosso bem-amado Redentor. Pensai que

Êle é para vós um Salvador pessoal; que morreu por nós, a-fim-de que possamos estar com Êle na eternidade, que por causa dos nossos pecados sofreu a ignomínia e a agonia do Calvário. E então façamos a pergunta: Vou eu fazer queixas ao meu Salvador? Vou eu «crucificar» de novo «o Filho de Deus e expô-lo à ignomínia» (Heb. 6:6), vou recusar-lhe a minha afeição, o meu reconhecimento e a minha submissão pela única razão que aquêles que se dizem seus discípulos fizeram ou deixaram de fazer tal ou tal coisa? Curvados aos pés da cruz, os nossos corações não poderão mais do que balbuciar: Não! E então, lembrarmos-nos que «por mais fraca e defeituosa que ela possa ser, por mais dependente que seja de advertências e conselhos contínuos, a Igreja é no entanto o objecto da suprema solícitude de Jesus Cristo», que Êle «experimenta nela a Sua graça sobre o coração humano, e nela opera tais transformações de character que os anjos, maravilhados e transportados de alegria, exprimem em cânticos de louvor o seu contentamento ao pensarem que seres humanos culpados e desgarrados possam ser de tal maneira transformados». (*Testimonies*, vol. VII, pág. 16).

Agora pois, a nossa única pergunta será esta: «Como, na minha qualidade de membro da Sua Igreja, obtive eu as experiências da sua graça» que um Salvador amante quiz efectuar no meu pobre coração? E os anjos que me olhavam do alto das côrtes celestiais, puderam êles constatar na minha vida a prova do seu poder transformador?

Também, temendo que o sentimento da nossa indignidade nos abata, e nos faça renunciar a nos consagrar de novo completamente a Êle, Êle faz-nos dizer:

«Se vos entregais a Êle, se O aceitais como o vosso Salvador, quão culpada possa ter sido a vossa vida, sois, por Sua causa, considerados como sendo justos. O character de Jesus Cristo substitui o vosso character como se nunca houvesseis pecado». (*Vers. Jésus*, pág. 69).

Não hesitemos pois em nos aproximar do Senhor esta manhã. Não temamos, sobretudo, pois fazemo-lo, dariamos a impressão que não éramos sinceros quando o temos feito de outras vezes. Jesus diz-nos ao contrário: «Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome

Progressos em todos os países

Antes de subir ao céu para «sentar-se à direita de Deus», Jesus dirigiu estas palavras aos Seus discípulos: «Ide *por todo o mundo* e pregai o Evangelho a toda a criatura». (Marc. 16:15). Tal foi o mandado dado aos servidores do Evangelho, e a justificação de todos os seus trabalhos evangélicos a partir desse momento até aos nossos dias. Esta missão estava já implicada na palavra do Salvador no Seu discurso profético: «E este Evangelho do reino será pregado *em todo o mundo*, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim». (Mat. 24:14). Do mesmo modo, na visão de Patmos, o apóstolo vê nos últimos dias o povo de Deus anunciar «o Evangelho eterno a todos os que habitam a terra, a toda a nação, tribu, língua e povo». (Apoc. 14:6). O mandado é preciso, a predição é clara, e é preciso concluir que a ordem do Senhor foi fielmente obedecida pelo seu povo.

Esta obra final não devia efectuar-se sem encontrar dificuldades, pois estava escrito que «nos últimos dias, surgiriam tempos difíceis, muito difíceis». (2 Tim. 3:1, versão de *Stapfer*). Estes tempos deviam ser excessivamente difíceis em virtude da maldade dos homens, como se depreende também da predição de Jesus, quando anunciou (Mat. 24) que «nação se levantaria contra nação, e reino contra reino», assim como «fomes e tremores de terra». E o Senhor ajuntava que «isso não seria senão o princípio das dores». Porque «vos entregarão aos suplicios, e vos farão morrer, e sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome». (V. 9).

Fomos igualmente prevenidos pela serva do Senhor «que a obra que não foi completada em tempo de paz e de prosperidade pela Igreja deverá sê-lo no meio duma crise terrível e através das circunstâncias mais alarmantes e mais desanimadoras». No entanto, o Senhor acrescenta as palavras consoladoras que seguem: «Ninguém se poderá opor à vontade de Deus. O Seu poder, que é absoluto, é para o Seu povo a garantia segura do cumprimento das Suas promessas. Ele pode remover todos os obstáculos que se opõem

aos progressos da Sua obra. Ele possui o meio de ultrapassar todas as dificuldades e de livrar os que O servem e respeitam os meios que Ele emprega. (*Testimonies*, vol VIII, pág. 10).

Também o apóstolo João vê o povo de Deus, cheio dum ardor intenso, levar a bom termo, a despeito de todos os obstáculos, a obra de que foi encarregado pelo próprio Senhor. O apóstolo viu tudo isso em visão. Nós, que vivemos no tempo da última geração, temos o privilégio incomensurável de contemplar com os nossos próprios olhos o cumprimento desta visão profética.

Em face da guerra actual, não podemos, no momento presente, receber notícias de certas partes do campo mundial. É-nos pois impossível dar-vos, este ano, um quadro tão completo como nós gostaríamos, da marcha vitoriosa das hostes do Eterno. Em certos países mesmo, os irmãos indígenas estão privados dos conselhos e direcções dos missionários estrangeiros. E é aos ombros destes filhos e filhas de Deus que repousa toda a responsabilidade de anunciar o Evangelho do reino que vem. Mas temos a certeza que nesta crise estes queridos irmãos e irmãs cumprem fielmente a tarefa que lhes foi incumbida. Quando, pela vontade de Deus, as portas destes países nos forem de novo abertas, ficaremos sem dúvida maravilhados de constatar o que o Senhor terá operado por meio destes humildes e devotos servidores.

Numa região, vários dos nossos missionários foram capturados antes de poderem ser evacuados. Mas de longe em longe, recebemos a notícia que graças aos benévolos esforços do governo dos Estados Unidos e à generosa cooperação das autoridades ocupantes, estes missionários estão em segurança. Hoje mesmo, no momento em que redigimos esta leitura, recebemos um cabograma dum grupo de missionários habitando uma cidade ocupada, anunciando às suas famílias que estão de boa saúde e «à obra». Agradecemos a Deus por esta feliz notícia concernente às suas vidas e saúde, mas também por saber

que estão «à obra». Quem pode predizer o que nos será revelado um dia do trabalho efectuado por êstes fiéis missionários, como pelos seus colaboradores indígenas?

Nem a adversidade, nem os sofrimentos, nem mesmo a perseguição puzeram jámais termo à actividade dos servos de Deus. A sua história atravez dos séculos traz-nos numerosas provas do facto que a Igreja florescia e alcançava as suas mais belas vitórias nos tempos de maior opposição. Podemos esperar ver êste facto repetir-se hoje, e temos disso já a prova pelas vagas informações que nos chegam. É o caso dum país cujo invasor devastou não sòmente vilas e aldeias pelos seus aviões de bombardeamento, mas onde o occupante se esforçou por suprimir sistematicamente tòda a religião, e onde as nossas Igrejas e instituições foram fechadas e tòda a propaganda proibida. Ora dêste país assim afligido, o relatório que um dos nossos obreiros conseguiu enviar aos escritórios da nossa Divisão dêsse território, anuncia o que segue: «A despeito das destruições e da confusão que reinam no nosso país, temos prosseguido o nosso trabalho na vinha do Senhor, e a colheita tem sido abundante. Sinto-me feliz de vos anunciar que a vindima nos trouxe oitenta alcofas das mais belas uvas». Acostumados a decifrar mensagens dêste género, os nossos irmãos poderam ler nela a notícia que a reunião anual pôde contemplar o baptismo de oitenta pessoas.

O presidente da Divisão Sul-Europeia dá-nos a exposição sumária seguinte dos progressos realizados no seu território:

«A Bélgica relata quarenta novos convertidos baptisados no decurso destas últimas semanas».

«A obra regista notáveis progressos em Portugal. Quanto à Espanha, devemos sentir-nos felizes pela obra que ali se está efectuando. Conta-se com um número encorajador de baptismos no decurso dêste ano».

«Durante a primeira metade do ano de 1942, as Igrejas da União Hungara receberam 461 novos membros. Contam baptizar mais algumas centenas antes do fim do ano».

«A semana passada, terminámos umas Assembleias Anuais muito abençoadas em Lausanne. Os relatórios provaram que o ano foi um dos melhores e mais prósperos da nossa história».

Êstes relatórios dão-nos ocasião de nos alegrarmos e agradecer a Deus. Ignoramos quando êste terrível conflito terá

fim. Mas não esperemos o fim das hostilidades para fazermos os nossos planos. Nêste mesmo momento, temos missionários a partir, e esperamos que antes da semana de oração de 1943 os missionários adventistas do sétimo dia terão entrado no Tibet, o «teto do mundo» por tanto tempo fechado ao Evangelho.

A Etiópia, fechada aos missionários protestantes depois de vários anos, está de novo aberta e pode também de novo «estender as mãos para com Deus». (Sal. 69:32). Durante êstes anos de interdição, vários dos nossos fiéis missionários ficaram no país, e poderam ser os primeiros a aproveitar a ocasião que se lhes ofereceu logo que sobreveio a mudança. A nossa obra médica, educacional e evangélica retomou a sua actividade tão rapidamente quanto nos foi possível enviar os homens e os fundos indispensáveis.

Há aparências encorajadoras de que as portas fechadas do Afaganistão se vão abrir. Uma Missão protestante foi convidada a ali abrir escolas. Esperamos que dentro de pouco tempo será possível proclamar «esta boa nova do reino» aos milhões de sectários fanáticos do Islam naquêle país. Pedimos ardentemente a Deus que ali vejamos em breve numerosos representantes da terceira mensagem.

Na Austrália, os nossos devotados missionários contam os dias que os separam do momento em que poderão reocupar as ilhas do Pacífico meridional que tiveram de evacuar no comêço de 1942. Já um bando numeroso dentre êles reencontrou na Nova Guiné, e é provável que quando estas linhas forem lidas nas nossas Igrejas, a ilha de Guadalcanal e outras ainda estejam já abertas aos soldados da Cruz. Os relatórios que nos chegam da Austrália anunciam que apesar das dificuldades, o número de almas conduzidas a Deus e à Sua verdade é maior do que nunca antes.

Acontece o mesmo no território bombardeado de Inglaterra. Apesar de todos os obstáculos que se apresentam diante dos nossos evangelistas, êles conduzem actualmente um maior número de campanhas e conferências do que antes. O número de conversões resultante do trabalho missionário das Igrejas nos seus diversos ramos atinge proporções extraordinárias. A Campanha de Outono nêste mesmo país, atingiu somas muito superiores às habituais. Não devemos nós agradecer a Deus por estas provas da Sua

bênção em pleno período de guerra?

O México anuncia mais um milhar de baptismos durante o ano de 1942. E dizer-se que esta esplêndida colheita foi feita num país onde nós encontramos a oposição mais rigorosa contra todo o trabalho de evangelização! As dificuldades ainda não desapareceram totalmente, mas Deus abriu o caminho a almas honestas, e prevemos colheitas mais abundantes ainda para o ano de 1943.

Temos quasi oito mil crentes na pequena ilha da Jamaica. É lá provavelmente que nós atingimos a maior densidade de membros por quilómetro quadrado, do mundo inteiro. Mil baptismos foram celebrados em 1942. Quasi metade deste resultado é fruto dos esforços dos membros da Igreja. Que belo exemplo a seguir pelos nossos irmãos e irmãs em todos os países!

Chegam-nos notícias encorajadoras das repúblicas católicas da América do Sul. Se a oposição ali se intensifica, temos a promessa que diz: «Aqueles que, no seu trabalho, afrontam as dificuldades e a oposição, Deus promete a constante protecção e a direcção dos Seus santos anjos... A construção do Seu santo templo deverá prosseguir até ao acabamento do edificio». (*Testimonies*, vol. VII, pág. 170).

Esta bela promessa é abundantemente realizada no continente sul-americano. O Irmão E. N. Lugenbeal, presidente da União Austral, que compreende a Argentina, o Chili, o Uruguay e o Paraguay, dá-nos disso a prova pelos cursos de conferências que se dão com sucesso em várias das suas grandes cidades. Numa destas campanhas, o auditório foi de uma média de 1.200 pessoas. No decorrer de uma outra campanha, mais de seiscentas famílias foram visitadas e fornecidas regularmente de publicações, com o resultado que cento e cinquenta pessoas se preparam para receber o baptismo. Os nossos colportores registam vendas sem precedentes na colocação de obras anunciando a mensagem. Abrem-se as portas em diversos lugares. O irmão Lugenbeal escreve: «O problema que enfrentamos hoje não é de encontrar lugares acessíveis aos cursos de conferências, mas sim encontrar homens para responder aos apêlos». Em todos os países da América do Sul, Deus ajunta «um firmamento de estrêlas».

Na África, o número de novos crentes acrescentados à Igreja em 1942, é de cerca de cinco mil. C. W. Bozarth, presidente da Divisão Sul-Africana, escreve o que

segue: «Tenho a alegria de vos dizer que teremos provavelmente este ano o melhor da nossa história. E divisamos um programa de propaganda ainda mais extenso para o ano de 1943».

Na China, uma nobre actividade missionária é efectuada pelos nossos fiéis missionários, assim como pelos nossos liais e corajosos membros indígenas. Os obstáculos e os perigos ultrapassam sem dúvida a nossa concepção. O custo da vida tem-se multiplicado várias vezes desde o período anterior à guerra. Numerosos bombardeamentos ferem diversas regiões da grande república. E os campos de batalha mudam tão bruscamente que os obreiros nem sempre sabem se vivem em territórios amigos ou inimigos. As viagens são perigosas. No entanto a guerra pelo reino de Jesus prossegue sem cessar.

Na Ásia meridional, igualmente afectada pela guerra, ignoramos o que se passa na Birmânia onde contamos fiéis obreiros e crentes birmaneses e carénios, que não estão certamente ociosos, e que não se apresentarão de mãos vazias quando poderem de novo acolher os seus missionários. Os queridos irmãos daquelas regiões são dignos da nossa simpatia e das nossas orações. Que Deus os ajude a permanecer fiéis e activos ao seu serviço e a ser deses «inteligentes que terão conduzido muitos à rectidão».

Da Índia, o irmão R. J. Borrowdale escreve-nos: «Sentir-vos-eis felizes de ouvir que aqui em Behar, temos tido o ano passado o record de cinquenta e dois baptismos. E apesar de todos os males que temos sofrido, parece-nos bem que este ano teremos sessenta. Não vos maravilheis da nossa alegria quanto a estes números que podem parecer ínfimos àqueles que estão habituados a grandes cifras. As poucas dezenas de convertidos que recolhemos cada ano parecem pouca coisa comparados aos quatrocentos milhões de habitantes deste país. Mas pedimos a Deus que multiplique estas dezenas várias vezes».

Na América do Norte, a mensagem ganha milhares de aderentes por ano. Apesar da distância a que nos encontramos dos países atingidos, a tragédia e os sofrimentos da guerra fazem-se reflectir profundamente e abrem os corações à mensagem. Os nossos evangelistas vivem as ocasiões mais notáveis da sua carreira, e Deus ajuda-os a estar à altura da tarefa.

(Conclui na pág. 13)

TERCEIRA REÛNIÃO

TERÇA-FEIRA, 7

Necessitamos do Poder do Espírito Santo

A maior parte dos cristãos reconhece a existência de dois poderes: o poder humano e o poder divino. O poder humano vem-nos muito naturalmente: por hereditariedade, pelo meio ambiente, pela educação e pela experiência. O poder divino, pelo contrário, é-nos exterior: é um dom de Deus. Ora, o que vem de Deus é sobre-humano. Aquêlê que recebe êste dom dá-se conta que o recebeu do alto. Mas vive ainda numa carne humana que tem de alimentar, que necessita de repouso, que é sujeita à fadiga, e sucumbe à doença. Apesar disso, tem a consciência dum poder em si que não conhecia antes da sua conversão e que, hoje, inspira os seus pensamentos, os seus desejos, os seus projectos. É um homem novo; tem um coração novo, novas aspirações, novas esperanças. O que antes amava, inspira-lhe agora desgosto; o que odiava ou lhe era indiferente dá-lhe alegria. Tudo nêle mudou, tudo se tornou novo, e isso porque êle se tornou uma nova criatura em Jesus Cristo.

Donde lhe veio esta transformação? Qual é êsse poder que muda o seu coração, que nêle transforma tudo? É um novo nascimento alcançado pelo poder do Espírito Santo.

O Espírito Santo sob a velha aliança

Logo no comêço do Génesis, lê-se: «O Espírito de Deus se movia sôbre a face das águas». Quando a iniquidade tinha de tal maneira aumentado sôbre a terra que Deus resolveu destruir o mundo pelo dilúvio, disse: «O meu Espírito não conterá sempre com o homem». Falando a Job, Elihu diz-lhe: «Foi o Espírito de Deus que me criou; foi o sôpro do Todo-Poderoso que me deu a vida». (33:34). Tal é o maravilhoso poder do Espírito!

Gedeão, Jefté, Saül, David, Salomão, Daniel e outros homens do Antigo Testamento conheceram o poder do Espírito de Deus. «Estou cheio da fôrça que dá o Espírito do Eterno, dizia o profeta Miqueias;

estou animado dum espírito de justiça e de coragem, para denunciar a Jacob o seu crime, e a Israel o seu pecado». (3:8).

O Espírito Santo é prometido para os últimos dias

O profeta Joel anunciou que um dia viria em que o Senhor «derramaria o Seu Espírito sôbre tôda a carne». (2:28). Esta profecia cumpriu-se no dia do Pentecostes. Depois dêsse dia o Espírito Santo tem estado à obra para salvar os pecadores a converter-se e a tornar-se filhos de Deus. A conversão não pode ter lugar senão pelo ministério do Espírito Santo. Nenhum homem pode perdoar os seus próprios pecados nem efectuar um novo nascimento. O apêlo a confessar Jesus Cristo, a buscar o perdão e a paz, é obra do Espírito Santo.

Preguntareis quem é o Espírito Santo; se é uma pessoa como nós mesmos. O Espírito Santo nunca, como Jesus, tomou a natureza humana carnal. Mas a Bíblia mostra-o como sendo uma pessoa, um Ser ao qual Deus confiou a obra da salvação depois da Ascensão. Não se pode defini-lo numa linguagem humana. Não se pode compará-lo a nada terrestre. Mas sabe-se que Êle possui um poder e uma sabedoria infinitas. Chama todos os homens a converter-se, e toma cuidado da Igreja atravez da dispensação cristã.

O Cristão, templo de Deus

O Espírito Santo habita no coração de todo o crente sincero. «Não sabeis que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?» «Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que está em vós, o qual haveis recebido de Deus, e que não pertenceis, a vós mesmos?» Como reünir o templo de Deus e os ídolos? Porque somos o templo do Deus vivo, como Deus disse: Eu habitarei e marcharei no meio dêles; serei o seu Deus e êles serão o meu povo». (1 Cor. 3:16; 6:19; 2 Cor. 6:16).

Nas Escrituras, o Espírito Santo tem vários nomes, tais como Consolador, Espírito de Verdade, etc. Qualquer que seja a obra que lhe seja confiada, Ele representa sempre o poder de Deus. No momento de subir ao céu, Jesus disse aos Seus apóstolos: «E eu, eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai. Mas vós, ficai em Jerusalém, até que sejais revestidos dum poder vindo do alto». (Luc. 24:48, *Lausanne*).

O poder do Pentecostes

«No dia de Pentecostes, estavam todos reunidos. Subitamente, veio do céu um ruído semelhante ao do vento que sopra com impetuosidade; e encheu toda a casa onde estavam sentados. Então viram aparecer línguas separadas umas das outras, que eram como línguas de fogo, e que se puzeram sobre cada um deles. E foram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar línguas estranhas, segundo o que o Espírito lhes dava de se exprimir». (Act. 2:1-4).

O resultado desta efusão do Espírito Santo naquêle dia foi de juntar-se à Igreja três mil convertidos. Foi um dia de poder. Todos aquêles que estiveram presentes a esta cena foram vivamente impressionados pelo poder das palavras do apóstolo Pedro. O Espírito Santo não prègou Ele mesmo, mas deu uma tal fôrça aos discípulos que as suas palavras tocaram o coração dum grande número daquêles que os ouviram.

O poder que acompanhará o terceiro anjo

Há muito tempo que nós o cremos: o poder que acompanhará a obra final do terceiro anjo será tão grande como o que foi revelado no dia de Pentecostes. Nos últimos dias da provação humana, imediatamente antes da volta de Jesus, o Espírito Santo manifestar-se-à duma tal maneira que o mundo será agitado. «As profecias que se cumpriram pela efusão da chuva temporã devem encontrar a sua contra-partida na chuva serôdia, no fim dos tempos». «(A primeira mensagem) foi levada a todas as estações missionárias do mundo, e assistiu-se então, em certos países, ao maior despertamento religioso que se viu depois da reforma, no século XVI; mas estas últimas devem ser em muito ultrapassadas pelo poderoso movimento provocado pela advertência final do terceiro anjo». (*Tragédie*, pag. 653).

O arrebatamento: como se preparar para êle?

Quando deverá o povo de Deus preparar-se para ser arrebatado? Uma coisa é certa, é que isso será antes que se veja o Filho do homem vir sobre as nuvens do céu com poder e magestade. Porque então será demasiado tarde. Nêsse momento, aparecerão os eleitos de todos os séculos, tanto os vivos como os ressuscitados. Naquela hora a sorte de todo o ser humano estará irrevogavelmente fixada. A porta da misericórdia estará fechada. Jesus terá terminado a Sua obra de mediação e deixado o santuário celeste. Terá deixado de interceder pelos pecadores e de apresentar o seu sangue expiatório em seu favor. Toda a preparação necessária deverá pois fazer-se antes do fim da provação, quere dizer, antes da aparição do Senhor nas nuvens do céu.

O momento de se preparar deve pois ser o *momento presente*. A maior parte dentre nós está convencida que esta preparação não pode efectuar-se pelas nossas próprias fôrças. Com efeito, estamos continuamente abaixo do grau de preparação a atingir. Continuamos a repetir os pecados cometidos desde há anos, dos quais nos arrependemos tantas vezes. Um poder que nos é exterior deve tomar posse dos nossos corações e operar em nós uma mudança completa. No princípio da nossa conversão, alcançámos victórias que foram seguidas de muita alegria e paz. Mas alguns perderam o seu primeiro amor e temos necessidade duma nova conversão.

Se preguntais: «Qual é o poder que pode agora mudar o meu coração e enchê-lo da graça santificante?» A resposta não é difícil: é o Espírito Santo. É Ele que dá o novo nascimento e que transforma o coração. «O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de eu te dizer: Necessário vos é nascer de novo». O Espírito Santo pode purificar e espiritualizar o vosso coração, dar-vos a nostalgia de Deus e dar-vos fome e sede de justiça. Ele pode fazê-lo *agora* e nêste lugar: depende se vós o quizerdes.

O nosso intercessor

O Espírito Santo é o nosso Intercessor tanto como o nosso Consolador e Defensor. O apóstolo Paulo descreve a obra do Espírito Santo, na Sua qualidade de Inter-

cessor, como segue: «Iguamentê também, o Espírito Santo vem em ajuda da nossa fraqueza. Porque não sabemos o que devemos pedir, para orar como deve ser; mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis». (Rom. 8:26). E aquêlê que sonda os corações sabe qual é o pensamento do Espírito, porque é segundo Deus que Êle intercede em favor dos santos». Dois factos ressaltam desta passagem, que faremos bem em reter, sobretudo quando estamos tentados a pecar: primeiro, que o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza; segundo, que o Espírito intercede por nós.

A «fraqueza» aqui mencionada não se refere às enfermidades físicas, mas às nossas enfermidades morais, tais como a impaciência, a mentira, o furto, o adultério, a cubiça, a profanação do dia de repouso. Estas fraquezas não são somente sérias, mas, se elas não são vencidas, mortais a ponto de nos conduzir à perdição eterna. Ora, esta vitória não pode vir de nós mesmos. E é aqui que intervem o socorro do Espírito Santo.

Muito cristão tem encontrado confôrto e força nesta bela palavra do apóstolo Judas: «Aquêlê que pode guardar-vos de tôda a queda e fazer-vos aparecer irrepreensíveis e alegres na sua gloriosa presença». (V. 24). Se lhe confiamos verdadeiramente a guarda da nossa alma, não há nenhuma dúvida que Êle se encarregará de nos guardar preparados para a vinda de Seu Filho.

Preguntareis: Como pode Êle «guardar-nos»? Como pode Êle «fazer-nos aparecer *irrepreensíveis* na Sua gloriosa presença», seres tão imperfeitos como nós somos?» Pela presença em nós do Espírito Santo, presença que — se nós nos seguramos pela fé — nos preserva do Maligno e nos dá a vitória sôbre o pecado.

Jesus Cristo em nós

No Seu ministério junto dos filhos de Deus, o Espírito Santo representa Jesus Cristo; contempla sem cessar a face do Pai, e está sem cessar presente em Deus e em Seu Filho, ao mesmo tempo que está presente no coração daquêles que vivem pela fé. «Quando vier aquêlê Espírito de Verdade, Êle vos ensinará tôda a verdade; porque não falará do seu Mestre, mas vos dirá tudo o que ouviu, e vos anunciará o que deve acontecer. É Êle que me glorificará, porque tomará o

que está em mim e vo-lo anunciará».

É assim que o vencedor está constantemente em comunhão com Deus pelo Espírito Santo. O poder do Espírito Santo que nêle habita sustentá-lo-á e o guardará das ciladas de Satanaz e das concupiscências da carne. O Cristão vive uma vida de obediência espontânea e feliz, e cheia de esperança. O Espírito Santo que vive nêle torna-o resistente aos seus semelhantes; faz dêle um porta-voz, testemunha de Deus no meio do mundo que o rodeia, e permite-lhe exercer sôbre os homens uma poderosa influência.

Se fôssemos reduzidos às nossas próprias fôrças, não poderíamos nunca nos preparar para o reino de Deus. O Espírito Santo, Conselheiro, Consolador e Defensor, é-nos indispensável. Êle nos sustentará de tal maneira atravez do sofrimento e das provas, que nós viremos a reconhecer a nulidade das coisas terrestres e a suspirar pela pátria dos remidos.

Cheios do Espírito Santo

Uma promessa feita ao antigo Israel mostra-nos como o Espírito Santo pode tornar os Seus filhos invencíveis: «Cinco de entre vós perseguirão a cem, e cem de entre vós perseguirão dez mil». (Lev. 26:8).

Sob o reino do ímpio Achab e de sua mulher Jezabel, Elias conduziu Israel ao Deus vivo. Jonas, da mesma maneira, quando foi submetido ao poder do Espírito, foi revestido dum tal poder para advertir da sorte que ameaçava a grande cidade de Ninive, que ela se arrependeu e escapou à destruição. João Baptista, cheio do Espírito, prêgou no deserto o baptismo e a conversão. Multidões de gentes o foram escutar, converteram-se e confessaram os seus pecados.

Tal é o poder que deve descer sôbre o povo de Deus, se a mensagem que êle proclama actualmente deve terminar a obra junto dos pecadores. O mundo está mergulhado num frenesi de prazer e pecado. A erudição, a eloquência, as anedotas picantes, não salvarão jámais um pecador. A única coisa que pode preparar um povo para a vinda do Senhor, é a palavra de Deus interpretada pelo Espírito Santo e anunciada com o Seu poder.

Não cessamos de pedir a Deus que derrame sôbre nós o Seu Santo Espírito em vista da obra solene que nos confiou,

(Conclui na pág. 19)

A Era do Sacrifício

Nêstes dias de guerra e de tragédia inexprimível, as responsabilidades da Igreja são enormes. Jámais nos encontrá-mos em presença de circunstâncias semelhantes. As necessidades são simplesmente assombrosas. O que a hora actual pede à Igreja e aos seus dirigentes, são um rendimento superior e um discernimento sobre-humano.

A nossa época é marcada por uma confusão intelectual em que as dúvidas e as negações se cruzam, exigindo da Igreja um despertar de espiritualidade e de espírito de sacrifício. Temos que nos perguntar em que direcção convirá de preferência desenvolver o nosso espírito de consagração. Temos que nos examinar para saber se o Espírito da Igreja primitiva e dos nossos primeiros pioneiros sobrevive naquêles que têm de atravessar o período de crise que nos espera. As nossas estações missionárias, as nossas casas de educação, as nossas capelas, os nossos sanatórios, as nossas casas editoras, não nos servirão de nada, a menos que delas não saia um povo em que seja personificado o Evangelho do sacrifício.

Uma hora significativa

As ocasiões que se nos oferecem de todos os lados nos velhos como nos novos campos são significativas, e essas ocasiões, trata-se de estar prontos a utilizá-las victoriosamente. Elas abrem diante de nós um futuro, perspectivas e necessidades infinitamente maiores que aquelas que temos conhecido até aqui. Nada dos nossos sucessos passados, tanto no ponto de vista espiritual como de sacrifício pode servir de comparação ao que está diante de nós.

Lembramo-nos que houve no passado períodos da Igreja cristã que exigiam igualmente uma obra especial, mas onde essa obra não foi cumprida faltou a renúncia e zêlo necessários, períodos que constituíram a verdadeira negação do espírito apostólico. Se a Igreja final quer conservar a sua vitalidade e a sua fecundidade, deve a todo o preço manter nela o espírito de sacrifício e mordomia indispensáveis em vista da sua obra mundial.

O amor da renúncia

Êste princípio essencial do espírito cristão não deve nunca ser esquecido, nem sacrificado, nem perdido de vista. Satisfeita com um estado espiritual diminuído, segundo o modelo das Igrejas populares, a Igreja perderia a sua razão de ser. O espírito de sacrifício é tão imperativo hoje como nos dias do apóstolo Paulo e dos seus colegas. Longe de arrefecer, deve reviver no coração e na vida de cada um de nós sob o impulso poderoso duma vaga de fogo vinda do alto.

Por isso, é preciso que reviva em nós o amor do Salvador. Sem êste amor, é impossível sermos seus verdadeiros discípulos e reproduzir a Sua vida e ministério na sua sublime beleza. «Aquêles que receberão o selo de Deus e que serão protegidos durante o tempo de angústia deverão reflectir plenamente a face de Jesus». (*Earl Writings*, pág. 71). Foi o amor que, no coração de Deus, o impeliu a enviar o Seu Filho ao mundo para salvar a humanidade. «Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que *deu* o Seu Filho unigénito a-fim-de-que aquêle que nêle crê não pereça, mas tenha a vida eterna». Temos aqui a própria essência do Evangelho. O amor verdadeiro e profundo é sempre caracterizado pelo desejo de *dar*, não sordidamente, mas sim com generosidade, não por fôrça, mas voluntária, alegre e continuamente. Foi assim que o Pai Celeste deu o Seu Filho, e que vós e eu recebemos as riquezas dêsse dom.

O vaso de alabastro

O amor verdadeiro, o amor que sacrifica, deriva da fé. «Aquêle que crê em mim, disse Jesus, rios de água viva manarão do seu ventre». O fim principal do ensino de Jesus, tendia a tornar o homem semelhante a Êle mesmo, quer dizer, sempre pronto a entregar-se. O que conta entre aquêles que crêem em Jesus, não é o que êles recebem, mas o que êles dão. Não podemos medir a nossa vida espiritual pelo sucesso, mas pelo que Deus faz dela dimanar, e isso não nos é possível avaliar.

Quando Maria de Betânia lançou sobre a cabeça do Salvador o seu vaso de precioso perfume, ninguém o compreendeu. Para os próprios discípulos, aquilo foi um desperdício. E no entanto, ela recebeu as felicitações de Jesus por este acto de reconhecimento que cada qual classificava de extravagância. Será verdade que o nosso Pai Celestial exulta de alegria quando nós vê praticar um acto semelhante ao de Maria? Deus derramou a vida do Seu Filho até à última gota para salvar o mundo: estamos nós prontos a derramar por Ele a nossa vida, os nossos bens, o nosso todo? É chegado o momento de deixarmos de pensar em nós mesmos e derramar sobre os outros o que Deus derramou sobre nós. O nosso Deus pede-nos que o façamos agora e continuemos a fazê-lo até que a necessidade da humanidade seja satisfeita.

Aquêle que deu a Deus a sua vida para o serviço dos Seus filhos uniu-se Aquêle que tem entre as Suas mãos tôdas as reservas do universo. A sua vida é ligada à de Deus pela cadeia de ouro de promessas imutáveis. Na hora da necessidade e do sofrimento, Deus não lhe falará. «O meu Deus proverá também a tôdas as vossas necessidades segundo a Sua riqueza e com glória, por Jesus Cristo». Na hora suprema, os misericórdiosos encontrarão misericórdia: um refúgio sob as asas dum Salvador compassivo e um asilo nos tabernáculos eternos». (*Thoughts from the Mount of Blessing*, pág. 41).

Mordomia, associação

O cristianismo do sacrifício não é somente associado duma maneira muito íntima com a fé, mas também com o Salvador que nos chamou. Esta associação, que implica uma mordomia da ordem mais elevada, faz a alegria dos anjos. Os anjos que vêm da glória celeste encontram a sua alegria no dom de si mesmos, no dom da sua infatigável solicitude para com as almas caídas e perdidas. Seres santos esforçam-se por chamar e ganhar os corações dos homens; do alto das côrtes celestiais, êles trazem raios de luz sobre a nossa terra sombria. Com amor e uma paciente benignidade, êles chamam o espírito dos perdidos até trazê-los para mais perto de Jesus Cristo do que êles próprios». (*Jésus Christ*).

Na Sua associação conosco, o Salvador dá tudo o que tem, e convida-nos a

fazer outro tanto. Ele deu tudo o que tinha. Colocou a Sua própria vida sobre o altar: aquêle que quer segui-lo poderá fazer menos? Quando nos unimos a Ele pelo baptismo, trazemos a esta transacção tôdas as reservas da nossa afeição, do nosso tempo, das nossas forças, da nossa influência, dos nossos bens temporais e da nossa personalidade. A vida cristã é uma associação com Jesus Cristo. Isso é tão real do lado de Jesus, que Ele chama-nos seus co-herdeiros a ponto de nos fazer assentar com Ele no Seu trono.

As alusões a esta associação, a esta mordomia, são muito mais numerosas do que se supõe. Nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, encontramos-las em um de cada seis versículos. Nenhuma das suas parábolas, sem dúvida, expõe este assunto mais completamente do que a parábola dos talentos. «Será como um homem que, partindo para uma viagem, chamou os seus servidores e lhes entregou os seus bens».

Em suma, o ensino de Jesus nesta parábola, é o seguinte: É o SEU dinheiro e não o nosso, que nos passa pelas mãos; somos Seus mordomos para empregá-lo segundo a SUA direcção; e pela maneira comô dêle dispuzermos, preparamos-nos para utilizar os valores desta vida futura; e finalmente, rendemos-lhe conta completa da nossa administração.

Esta parábola não faz somente alusão aos nossos bens materiais, mas na mesma medida aos nossos outros dons, tais como o da palavra, da influência, da autoridade, e mesmo os dons de invenção, de organização sob tôdas as formas. Os nossos bens são os SEUS BENS, que nos são emprestados por um curto período de tempo. «Nada trouxemos para este mundo», e nada levaremos também. Durante esta curta jornada da nossa vida — que vai desde a porta de entrada à nascença até à porta de saída ao nosso falecimento — podemos acumular bastantes bens para não os podermos conter todos nos nossos braços. Mas quando chegamos à porta do supulcro, ela não se abre nunca o bastante para nos permitir levar conosco o quer que seja. «Quanto deixou êle?», perguntou alguém, ao falar de um homem rico que acabava de morrer. «Deixou tudo», foi a resposta. Tal é o caso com cada um de nós.

O princípio que está na base desta parábola, é que o homem é um mordomo. Pode aumentar os bens do Seu Mestre ou desperdiçá-los. É colocado numa escola;

é pôsto à prova para ver se é capaz de produzir bens mais vastos. «Bem está, bom e fiel servo; sôbre o pouco foste fiel, sôbre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor». (Mat. 25).

Uma ocasião solene

O dizimo, assim como as primícias, foram instituídos na origem. Isso contém não sômente o princípio da mordomia, mas também a obrigação de colocar Deus no primeiro plano. Perdemos-lhe o sentido, se o consideramos apenas sob o ponto de vista duma exigência legal. A lição da mordomia adquire todo o seu valor quando compreendemos que estamos associados ao Criador do Universo. Em vez de nos contentarmos de fazer, como as crianças, cascas de areia sôbre a praia, tornamo-nos construtores associados duma estrutura eterna. Tragamos a Deus o que temos. Jámais em tôda a história do povo de Deus, Ele esteve mais disposto a repetir a história dos cinco pães e dois peixes, pois jámais o espírito de sacrifício foi mais urgente na causa de Deus que na hora actual.

O tesouro do Eterno deve actualmente ser munido de disponibilidades que lhe permitam recuperar e reconstruir os fun-

damentos que foram removidos pelo calcanhar férreo da guerra. Mais do que isso, será preciso continuar a fazer avançar a mensagem nas partes mais reconditas da terra. No entretanto, há fortes despesas a manter para recrutar e preparar novos missionários que deverão pôr-se a caminho no dia em que as nuvens se dissipem. Actualmente, por tôda a parte onde a mensagem foi implantada, os apêlos não cessam pedindo a extensão de obras começadas e que devem ser levadas a bom fim.

Não é um efeito da sorte, se constatamos que a prosperidade repousa hoje sôbre os nossos irmãos e irmãs. Por tôda a parte, os dizimos aumentam, e aumentariam ainda muito mais se todos fôssem fiéis dispenseiros do dinheiro do Senhor. Por outro lado, à parte a entrega do dizimo, é necessário sermos mais fiéis nos dons de sacrifício. O acabamento da obra assim o exige.

É agora a hora de abriremos os olhos para o privilégio e obrigação de dar para as Missões. O Senhor não virá antes que a obra seja terminada. Tôda a terra deve ser iluminada com a Sua glória. Respondamos ao apêlo de Deus enquanto Ele fala aos nossos corações. Empreguemos os nossos talentos ao Seu serviço a-fim que Ele em breve nos receba nos tabernáculos eternos.

O Tempo, A Mensagem, O Mensageiro

(Conclusão da pág. 4)

cada dia a sua cruz e siga-me». Eis, irmãos e irmãs, uma transacção que se deve renovar de dia em dia.

É pois diariamente que podemos pôr a nossa conta em ordem e renovar a nossa consagração ao nosso Mestre por um simples abandono da nossa vida nas Suas mãos. Se nos lembrássemos desta misericordiosa disposição do plano de Deus, evitaríamos muitos êrros e muitas quedas. Escutai bem estas palavras:

«Se quereis aproximar-vos do Senhor e converter-vos a *Ele dia após dia*; se quereis fruir da liberdade e alegria que há em Deus, feliz e espontâneamente, aceitai o seu gracioso apêlo, e suportai o jugo do Salvador, — todos os vossos murmúrios desaparecerão, tôdas as vossas dificuldades se desvanecerão, todos os problemas angustiosos que vos atormentam serão resolvidos». (*Mount of Blessing*, pág. 150).

Progressos em todos os países

(Conclusão da pág. 7)

A rádio permite-nos atingir milhões de ouvidos que, de outro modo, não conheceriam a advertência. A voz da profecia ressoa distintamente. Na hora actual, a nossa Escola de Correspondência Bíblica radiofónica, conta cêrca de cem mil aderentes. Ocasões inumeráveis se nos oferecem de fazer conhecer a bem-aventurada esperança atravez do éter. A mão de Deus está aqui visivelmente à obra.

E assim, no mundo inteiro, os membros das nossas Igrejas, a juventude, os portadores das boas novas pela página impressa, os missionários médicos, os nossos professores, obreiros bíblicos e evangelistas, estão todos unidos numa ardente determinação de colaborar no glorioso triunfo da última mensagem atravez do mundo. A vitória está à porta. Bendigamos a Deus, e peçamos-lhe que nos ajude a todos e a cada um a estar no número da falange victoriosa que entrará na cidade de Deus.

QUINTA REÛNIÃO

QUINTA-FEIRA, 9

PARA A NOSSA JUVENTUDE:**Os ensinamentos da crise actual**

O primeiro cuidado das nações é de obter a inteira lealdade e o serviço incondicional da juventude, quer sôbre os campos de batalha, quer junto dos doentes e dos feridos, quer em qualquer outro trabalho necessário ao bem da comunidade. Por tôda a parte a juventude adventista se encontra em presença de problemas angustiosos. Êsses problemas impõem-se com tanta evidência, que não se podem nem iludi-los nem ignorá-lós. A consciência está nêles implicada. Das decisões tomadas dependerá todo o futuro, nêste mundo e no mundo por vir.

O que é a crise actual?

Será de ser separado das pessoas queridas, arrancado à escola ou ao trabalho habitual e arregimentado nas fôrças militares do país? Será de ter de adaptar-se à tensão e à actividade febril dum mundo em guerra? Será a influência das tentações e dos excessos, ou o abaixamento moral das multidões desejosas de esquecer os fardos da hora presente? Será as perseguições provocadas pela intolerância de homens de espírito acanhado? Será a vida dura dos campos de manobras ou os perigos dos campos de batalha? Essas dificuldades, essas perseguições, essas tentações, juntas à solicitude moral, podem provocar a crise: mas não a constituem. A crise produz-se no momento em que o coração decide ser fiel a Cristo, aconteça o que acontecer, ou então cede e entra em compromisso com o pecado. A hora da decisão: eis a crise.

Oito séculos antes de Cristo, um profeta contemplava a nossa época agitada e descrevia-a como segue: «Multidões! Multidões! No vale da decisão. Porque o dia do Eterno se aproxima, no vale da decisão!» (Joel 3:14, vers. *Lausanne*).

Os barcos a motor que se aproximam da ponta da Porta do Ouro em San Francisco recebem a ordem, dada por sinais, de não parar nem voltar para traz. Acontece o mesmo no vale da decisão. Não

deverá haver nem paragem nem recuo. Incessantemente, a corrente dos acontecimentos arrasta a juventude da última geração para o vale. Cada um é chamado a tomar uma decisão pessoal: é isso o que constitui a crise actual.

«Sabemos todos que as lutas interiores mais graves, mais intensas, se produzem no momento em que o coração humano deve tomar grandes decisões que comportam as suas convicções... Tôda a obra do cristão se resume em duas palavras: querer e agir». (*Testimonies to Ministers*, p. 241).

Quais são os ensinamentos da crise actual?

Dêsde há muitos anos, os Adventistas do Sétimo Dia esperaram o momento em que cada um seria pôsto em altura de tomar posição no que concerne à obediência à Palavra de Deus. Êste momento chegou. Nesta hora perturbada necessitamos a mesma vista do Invisível que susteve Moisés. Apesar de tôdas as riquezas, os prazeres, as possibilidades que podiam oferecer-lhe um grande império, preferiu suportar a aflição com o povo de Deus, antes do que gozar por um pouco de tempo as delícias do pecado. Escolher o caminho de Deus, é escolher o futuro que Deus nos oferece. A crise actual convida-nos a preparar-nos física intelectual e espiritualmente para afrontar corajosamente a situação, com optimismo, bem decididos a optar por Cristo, aconteça o que acontecer.

Nêste tempo de grande prova, necessitamos dum grande poder. «O poder pertence a Deus». Êle coloca à nossa disposição o poder de que temos necessidade nesta hora.

1.º—Êste poder reside na Sua palavra, que é «viva e eficaz».

«A vida divina, que vivifica o mundo, reside na Sua palavra... Nela está a única fonte de poder». (*Gospel Workers*, p. 250).

«Cristo pede ao Seu povo de crer na Sua palavra e de pô-la em prática. Aquêles que recebem e se apropriam desta palavra e a fazem entrar em cada uma das suas acções, em cada traço do seu character, tornar-se-ão sempre mais fortes pelo poder de Deus». (Id. p. 309).

2.º — Êste poder obtem-se pela oração, o «segrêdo do poder espiritual». Não se pode substituí-lo por nenhum outro meio de graça, sem que a saúde da alma seja comprometida. A oração coloca o coração em contacto immediato com as fontes da vida; ela fortifica os nervos e os músculos da experiência religiosa. Negligenciai o exercício da oração, ou não vos entregues a ela duma maneira intermitente, segundo as vossas conveniências: cessareis de vos apoiar em Deus. As faculdades espirituais perdem a sua vitalidade, à experiência religiosa falta a saúde e o vigor...

«O poder vem de Deus em resposta à oração da fé». (Id. p. 254,255).

É assim que pela palavra de Deus e a oração o Espírito Santo comunica ao jovem ou à jovem o poder que lhe virá em auxílio nesta hora de decisão e os fará triunfar de tôdas as provas.

«A comunicação do Espírito, é a comunicação da vida de Cristo». (*Jésus-Christ*, p. 439). Cada crente pode pois exclamar com S. Paulo: «Posso tudo n'Aquêlle que me fortalece».

Poder em vista do testemunho

Deus prometeu ser fiél àquêles que Lhe são fiéis. Jamais Êle nos abandona. Êste factô tão importante e glorioso foi demonstrado em muitas ocasiões quando jovens, rapazes e raparigas afrontaram a prova suprema, quer no exército, quer na vida civil. Deus disse: «Honrarei aquêlle que me honra, e aquêles que me desprezam serão desprezados». E Deus cumpre a Sua palavra.

A própria natureza da crise actual constitui um apêlo ao serviço, apêlo irresistível que se dirige a todo o rapaz e rapariga do movimento adventista. Multidões de outros jovens afluem igualmente ao vale da decisão: é preciso ajudá-los a tomar uma decisão no que toca às suas relações com Deus. O vosso contacto com êles poderia muito bem ser a última ocasião que lhes seja oferecida de receber uma ajuda bem necessária: Há ali para vós uma possibilidade magnífica de testemunhar em favor de Deus. Os jovens são

acessíveis à influência de outros jovens; êstes podem ser bem sucedidos onde outras pessoas fracassariam. É agora o momento em que os jovens devem trabalhar pelos jovens. Chegou o tempo do testemunho heróico. De mais, o vosso testemunho em favôr de Cristo terá por efeito firmar e encorajar os vossos amigos e os membros da vossa igreja.

Por tôda a parte onde os jovens têm necessidade de Cristo, por tôda a parte onde almas angustiadas solicitam o nosso ministério, por tôda a parte onde os jovens afrontam o problema da decisão, há ocasiões de trabalho. «O céu não espera senão o momento propício para espalhar as suas mais ricas bençãos sôbre aquêles que querem consagrar-se à obra de Deus nos últimos dias da história do mundo». (*Messages à la Jeunesse*, p. 20).

É o momento de dar testemunho. A crise convida-nos a preparar-nos individualmente, não sòmente para que possamos tomar as decisões que convêm à medida que novos problemas se nos apresentam, mas também para que possamos ajudar a outros a dar o seu coração e o serviço a Cristo. Obedecer a êste apêlo, é assegurar-se a victória.

Vendo o Invisível

Nêstes tempos de prova e de decisão o caminho será aplanado se nós não perdermos nunca de vista o futuro esplêndido que Deus prepara àquêles que o amam e que têm bastante coragem para O servir.

«As coisas que o olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem subiram ao coração do homem, estas são as que Deus preparou para os que O amam». (1 Cor. 2:9). «A língua humana é impotente ao descrever a recompensa dos justos. Só se poderão dar disso conta, aquêles que a virem. O nosso espírito é incapaz de apreender a glória do paraíso de Deus.

«Nas Escrituras, a herança dos salvos é chamada um país, uma pátria. O divino Pastor conduz ali o seu rebanho às fontes de águas vivas. A árvore da vida dá ali o seu fruto cada mês, e as suas fôlhas são destinadas à saúde das nações. Encontra-se lá correntes intermináveis duma água clara como o cristal, bordejadas de árvores verdejantes que lançam a sua sombra sôbre as veredas preparadas para os resgatados do Eterno. Largas planícies ondulam em colinas graciosas, bordejadas pelos cimos altaneiros das montanhas de

Deus. É nessas planícies aprazíveis e ao longo dessas límpidas correntes de água, que o povo de Deus, por tanto tempo estrangeiro e peregrino, encontrará uma pátria.

«O meu povo repousará na habitação da paz, em moradas seguras, em asilos tranqüilos». «Não se ouvirá mais falar de violência em todo o país, nem de assolação ou ruína no teu território; darás aos teus muros o nome de salvação, e às tuas portas o de glória». «Eles (os eleitos) construirão casas e as habitarão; plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não construirão casas para que outros habitem, nem plantarão vinhas para que outro lhes coma o fruto... Os meus eleitos gozarão da obra das suas mãos...

«O amor e a simpatia que o Senhor implantou nos nossos corações encontra-

rão ali o seu exercício mais legítimo e mais doce. Uma pura comunhão com os seres santos, uma vida social harmoniosa com os anjos e os bem-aventurados de todos os séculos, que lavaram e branquearam os seus vestidos no sangue do Cordeiro; os laços sagrados unindo a «família» que está lá «nos céus e sôbre a terra» — outros tantos factores da felicidade dos resgatados». (*Tragédie des Siècles*, pp. 715-719).

Hoje, nesta mesma hora, consagremos os nossos corações a Deus, decididos a segui-lo por tôda a parte, aconteça o que acontecer. E que Deus nos ajude a guardar sempre clara perante os nossos olhos a visão do Invisível, afim que o sirvamos como sendo destinados a viver nos palácios de Deus.

SEXTA REÛNIÃO

SEXTA-FEIRA, 10

Armas para a luta que se aproxima

Nenhuma passagem bíblica se adapta melhor ao povo adventista, agora que a tempestade ressoa, que a contida nestas palavras do apóstolo Paulo: «No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na fôrça do Seu poder. Revesti-vos de tôda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo. Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas dêste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais. Portanto tomai tôda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e, havendo feito tudo, ficar firmes. Estai pois firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça; e calçados os pés na preparação do evangelho da paz; tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus». (Efes. 6:10-17).

O moral dos combatentes e as armas decidem grandes batalhas. O bom combate

da fé não faz excepção a esta regra; não pode ser vitorioso se os soldados de Cristo não forem revestidos de «tôda a armadura de Deus». A questão do armamento tem uma importância primordial, porque a vitória não é um produto da sorte, que possa obter-se sem combate. Vontades enfraquecidas, esforços feitos de má vontade, uma estratégia abandonada ao acaso por cristãos de nome, não podem conduzir senão à derrota. As «étapes» do triunfo são marcadas por vitórias duramente alcançadas sôbre tentações redutíveis, com armas apropriadas. Não sei se existem armas secretas no conflito que lança as nações na luta; em todo o caso, nas lutas invisíveis em que as almas estão empenhadas, a vantagem depende do emprêgo de armas espirituais conhecidas somente por Deus e pelos Seus filhos. Precisamos adquirir essas armas ou pereceremos.

Em certos países, no decurso dos últimos anos, a comunidade adventista sofreu o fôgo da perseguição; mas assaltos mais terríveis se anunciam, por inimigos mais cruéis e mais poderosos. Para nos darmos conta disso, basta-nos observar os projectos de certos grandes corpos religiosos

tendendo a colocar a humanidade sob o jugo tirânico dum contrôlo eclesiástico. Entre os numerosos e poderosos inimigos com os quais Cristo deve contar, há, ao lado do cristianismo degenerado, o shintoísmo e o ateísmo. Todavia, essas fôrças exteriores organizadas não são os inimigos mais irredutíveis que se opõem à nossa fé. Na crise final, não estaremos em luta unicamente com os homens, mas teremos que fazer face aos ataques dos maus espíritos. Entre as armas cuja necessidade se faz sentir com mais urgência, mencionamos em primeiro lugar

a unidade duma igreja unida na oração

Triste é notá-lo: mas esta arma é hoje desconhecida. Como o poderia ser, da maneira como os cristãos vivem desunidos! Os filhos de Deus, dispersos em centenas de grupos rivais, não somente professam doutrinas divergentes, como são separados por ódios e por conflitos. Depois do Pentecostes, só uma vez a Igreja se encontrou tãda unida na oração. Isso aconteceu a seguir à primeira perseguição, e deve repetir-se por ocasião da última perseguição: então uma Igreja unida, unificada pela mensagem adventista, unir-se-à em oração.

Quando os discípulos foram soltos, quando da primeira perseguição, «foram para os seus, e contaram tudo o que lhes disseram os principais dos sacerdotes e os anciãos. E ouvindo êles isto, *unânimes* levantaram a voz a Deus» (Act. 4:23,24).

Êste acôrdo na oração de uma igreja unida teve efeitos prodigiosos: «E... moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo». (Vers. 31). Uma experiência semelhante deve produzir-se de novo. Jesus disse: «E Deus não fará justiça aos Seus escolhidos, que clamam a Êle de dia e de noite, ainda que tardio para com êles? Digo-vos que depressa lhes fará justiça». (Luc. 18:7,8).

No decorrer dos séculos que têm passado desde os dias apostólicos, grandes livramentos têm sido obtidos por débeis grupos de cristãos unidos na oração. Assim, aconteceu uma vez que os Valdenses, rodeados de inimigos encarniçados que procuravam destruí-los, clamaram a Deus na sua angústia e foram libertados como por milagre. Uma escuridão espessa envolveu a região, paralisando os movimentos do inimigo, enquanto que os Valdenses, que conheciam os lugares, podiam esca-

par-se. O poder do acôrdo na oração manifestou-se no decorrer da guerra civil, nos Estados Unidos. Ao princípio os nossos membros não chegavam a acôrdo sôbre a conduta a manter, mas quando aceitaram a luz sôbre os verdadeiros princípios a seguir, uma grande alegria e uma grande fôrça se manifestaram no seio da Igreja. James White fez aparecer em duas edições, na *Review*, uma declaração concernente à nossa atitude de não combatentes. Todos se acharam de acôrdo para aceitar o decálogo, compreendido à luz dos comentários de Cristo, como base de acção. Entretanto, a guerra prolongava-se, e os nossos irmãos tiveram cada vez mais dificuldade em prègar e praticar a mensagem. Em certas regiões os nossos impressos eram interditos e outras dificuldades surgiam. Então a Conferência Geral dirigiu um apêlo à oração, onde se dizia: «Ou a guerra vai cessar, ou então somos nós que teremos de cessar de espalhar a verdade. Qual das duas coisas?». Tôdas as Igrejas foram convidadas a buscar Deus durante quatro dias, a partir da quarta-feira, 1 de Março de 1865, devendo êsses quatro dias ser consagrados à oração e ao jejum. O escritório da *Review*, nossa única instituição nessa época, foi fechado. Os nossos membros de tãda a parte foram convidados a deixar as suas ocupações e a consagrar tãda a tarde de cada dia ao arrependimento e à confissão dos pecados. Êsses dias de oração trouxeram bênçãos tais como o povo adventista não tinha experimentado desde o despertar de 1844. Os membros da Igreja de Battle-Creek receberam tantas bênçãos que decidiram continuar as reuniões ainda durante uma semana. Semelhantes refrigérios foram experimentados em outras regiões, e Deus ouviu essas orações. Perante surpresa geral, a guerra terminou bruscamente, enquanto por tãda a parte se exclamava: «Que obra maravilhosa Deus efectuou!».

Ao pensarmos numa tal experiência, não podemos impedir-nos de perguntar a nós mesmos: O que não faria Deus hoje pelo Seu povo, se todos estivessem unidos na oração? Mas não temos conseguido, até ao presente, orar com a unanimidade dos apóstolos. Se é animador ver os Adventistas de todos os países aproximarem-se no que concerne à fé e à doutrina, e constatar que as nossas reuniões do comité da Conferência Geral provam uma unidade de método e de acção crescente, nota-se ainda a falta da união profunda dos corações,

e não temos ainda, uns pelos outros, o amor desinteressado que o Senhor deseja ver-nos possuir. Precisamos um regresso ao primeiro amor e à confiança recíproca. Qualquer que seja a utilidade dos objectivos e das campanhas missionárias, não é isso que conta aos olhos de Deus. O que Deus espera, é que todos os membros, desembaraçados de todos os sentimentos de amargura ou de inveja, se unam de todo o coração pela oração. É o momento de depor todo o sentimento de animosidade. Cada um de nós não deveria deixar terminar esta semana de oração sem que desapareça todo o mal entendido entre ele e seus irmãos. O que importa mais, é que nos aproximemos uns dos outros. Pesai com cuidado as declarações seguintes, tiradas dos Testemunhos: «O mundo diverte-se a considerar a desunião que reina entre os cristãos. Os incrédulos triunfam. Deus pede ao seu povo uma mudança. A nossa única salvaguarda, nestes últimos dias, reside na união com Cristo e com os nossos irmãos... O amor fraternal faz muita falta na Igreja de Deus, actualmente». (*Testimonies*, Vol. VIII, pp. 240, 242). O Senhor dirige-nos hoje esta pergunta: «Que é que nos reserva o futuro se não chegamos à unidade da fé? (*Life Sketches*, p. 527). Dar-se-á o caso que a Igreja local à qual pertencemos realize o ideal divino no que concerne à unidade? Nesta semana de oração, enquanto prossegue a guerra mundial, toda a igreja do resíduo deveria agrupar-se, fazer desaparecer toda a causa de desunião, e tornar-se uma de coração e alma no amor de Jesus. A prova suprema que somos *de* Deus, é que somos *um em* Deus.

Uma outra arma secreta para a nossa luta no futuro, é

A força da simplicidade

Os dez mandamentos de Deus são claros e precisos. Jesus, Ele também, ensinava com tanta simplicidade que as pessoas sem instrução o escutavam com prazer. Compreendiam-no, enquanto que as frases pomposas e os argumentos complicados dos fariseus lançavam a confusão no seu espírito. Encontrou-se, mesmo entre nós, no decurso da primeira guerra mundial, condutores religiosos que faziam uso de sofismas e de subtilidades para adormecer as consciências. Perdidos nas brumas dum pensamento confuso, obscureceram a verdadeira significação dos simples manda-

mentos e promessas de Deus. É preciso evitar hoje tudo isso. O Espírito de profecia poz-nos de sobreaviso contra os argumentos complicados que lançam a confusão no espírito dos fiéis. Agarremo-nos às simples palavras da verdade bíblica. A nossa divisa é: «Os mandamentos de Deus e a fé de Jesus». Fugamos aos *se*. Alguém pergunta: Se um irmão está carregado de dívidas, deverá pagar dízimo? Seguramente, mas lá não está a pergunta. Quando se trata de deveres morais, os *se* não devem intervir. Os *se* não têm Deus em consideração e esquecem o socorro dos anjos. Quando o tentador, no deserto, tentava insinuar as suas dúvidas no espírito de Jesus, o Salvador respondeu simplesmente: «Está escrito». Recusou discutir, rebateu todas as suposições. Para nós como para Cristo, a clara palavra de Deus, empregue com uma fé simples, continua a ser uma arma invencível. Há mais força num simples: «Está escrito», que em todos os argumentos da incredulidade. A nossa resposta invariável deve ser: «À lei e ao testemunho». Todos os dez mandamentos se aplicam em toda a parte, a todos e em todo o tempo, da mesma maneira que a fé de Jesus salva e guarda os crentes, constantemente, pela simples palavra de Deus. Os remédios mais simples são os mais eficazes contra a doença; da mesma maneira uma confiança infantil, excluindo todo o temor e todo o compromisso, na simples palavra de Deus, é nossa defesa segura. Na nossa civilização moderna tudo é extremamente complicado, ainda que a natureza é regida por leis bem simples. As nações da terra têm *wagons* de textos e de leis, enquanto que o Mestre do universo prescreveu todos os nossos deveres morais em dez breves sentenças.

Uma outra arma secreta necessária hoje, é

o arrependimento e a oração individual

Nunca a Igreja foi salva por grandes despertamentos sobrevindos inopinadamente e produzindo efeitos universais. O regresso a Deus por um arrependimento sincero começou geralmente por um indivíduo. Alguém começou a buscar a Deus, sózinho, e o germe frutificou. Pensai em Israel durante o cativo de Babilónia. Num dado momento, tendo Daniel constatado pelo estudo das profecias bíblicas que os setenta anos de cativo preditos

estavam a ponto de terminar, poz-se a buscar a Deus. Jejuou e orou; confessou os seus próprios pecados e os do povo. Êste acto de consagração do chefe conduziu a uma poderosa reforma que permitiu ao povo deixar Babilónia e voltar à terra prometida. Neemias preenchia uma função honrosa e vantajosa na côrte do rei da Pérsia. Tinham confiança nêle. Mas o seu coração não repousava. Via a angústia do seu povo. Os sofrimentos de Israel consumiam-no. Sem querer saber dos outros, voltou-se sózinho para Deus. As suas orações foram ouvidas e Israel foi socorrido.

Creemos que Deus está secretamente à obra, hoje como outrora. Há talvez, nas regiões devastadas pela guerra, alguma Igreja onde um ou vários membros, prègadores ou laicos, intercedem junto do Senhor com um fervor particular. Talvez um missionário internado faça a mesma coisa. Pode haver algum ancião de Igreja, ou pastor, ou professor, ou médico, ou alguma enfermeira que, tal como Daniel outrora, compreendendo o tempo, se consagre inteiramente a Deus. Isso começa por uma pessoa e depois propaga-se. Não se produzirá uma experiência tão bendita num ou vários países, desde esta semana de oração? Foi pensando nisso que o Espírito de profecia disse: «Deus chama homens prontos a advertir um mundo adormecido, morto pelas suas faltas e pecados... Dirijo um apêlo aos nossos irmãos de todos os países, afim que se levantem, se consagrem a Deus e procurem a sabedoria que d'Êle vem. Peço aos membros officiantes das nossas conferências que tentem vastos esforços nas nossas igrejas». (*Testimonies*, Vol. VI, p. 446).

Alguém perguntará porque é que insistimos tanto sôbre a união na oração neste momento. É primeiramente porque há mui-

tos novos e importantes motivos de oração. Deveríamos orar pelos nossos missionários internados, acêrca dos quais temos tão poucas informações. Deveríamos lembrar-nos dos nossos jóvens chamados ao serviço militar. Deveríamos orar cada dia pelos nossos queridos correligionários, muitos dos quais sofrem a guerra e a fome. Pensamos também que os Adventistas deveriam orar em todos os lugares para implorar de Deus com constância e conjunto a pronta cessação dos conflitos sangrentos que devastam a terra. Deveríamos pedir para que os govêrnos nos deixem a liberdade para acabar a obra de Deus. À parte destas coisas, podemos ter, individualmente, fardos particulares a depor perante o Senhor. Na hora actual, Deus quiere uma Igreja unida na oração, tendo confiança nas simples palavras de Jehová, e voltando-se para Êle de todo o coração. O profeta disse: «E os habitantes de uma cidade irão a outra dizendo: Vamos depressa suplicar o favor do Senhor, e buscar o Senhor dos exércitos; eu também irei». (Zac. 8:21). Que cada um de nós diga: «Eu também irei».

NECESSITAMOS DO PODER DO ESPÍRITO SANTO

(Conclusão da pág. 10)

e que nos prepare para sermos arrebatados quando Jesus vier buscar os seus filhos para introduzi-los na sua pátria eterna. Prezado irmão, minha irmã em Cristo, o Espírito Santo fala-te neste momento? Estás disposto a abandonar-lhe a tua família, a tua vida, tudo o que possuis, a-fim-de-que o Espírito Santo te prepare para o céu e te prepare para terminar a Sua obra na terra?

“A ideia de que a oração não seja coisa essencial é um dos mais bem sucedidos estratagemas de Satanaz para destruir almas... Se já houve tempo em que tôda a casa deveria ser uma casa de oração, é agora êsse tempo”

«Estai vós também preparados»

A comunicação para o último serviço da semana de oração tem por base as palavras de Jesus: «Por isso, estai vós também preparados; porque o Filho do homem há-de vir à hora em que vós não penseis». (Mat. 24:44).

Estas palavras servem de conclusão à importante profecia do Salvador, contida no capítulo 24 do Evangelho de Mateus. Jesus respondeu à pergunta dos discípulos: «Dize-nos, quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?» (Vers. 3). Jesus expoz com clareza os acontecimentos que deviam anunciar a Sua vinda, percorrendo todo o tempo que devia passar-se desde o momento em que falava até ao fim.

Assinalou os perigos aos quais o seu povo seria exposto nos últimos dias. Viu que alguns dos Seus perderiam a fé e voltariam para o mundo, dizendo para consigo: «Meu Senhor tarda em vir». A todos Êle deu esta advertência: «O Filho do homem há-de vir à hora em que vós não penseis».

Êle deu por prefácio à Sua declaração o apêlo solene que serve de título a esta comunicação: «Estai vós também preparados». Quanto não importa, por consequência, que prestemos a mais séria atenção às suas palavras, a fim de estar preparados quando Êle vier! Daí depende o nosso futuro eterno. Somos talvez tentados a ignorar o apêlo pessoal que o Salvador nos dirige, e a negligenciar a nossa preparação. Na nossa apatia, podemos não reflectir seriamente na significação das palavras e negligenciarmos a sua aplicação. Seria colocar as nossas almas em perigo. Não ser encontrados preparados à hora da vinda súbita de Jesus significaria a perda da vida eterna. Ninguém desejaria tomar uma tal decisão, mas basta-nos negligenciar a preparação necessária, para nos expormos a perder a vida eterna.

E é agora mesmo, mais do que nunca, que convém insistir sobre a vinda de Jesus. Se os acontecimentos que se desenrolam actualmente não bastam para nos despertar, não vejo o que é que poderia fazê-lo mais tarde. Jesus disse claramente que vi-

ria numa hora em que os próprios que O esperam, ficariam surpreendidos de vê-lo chegar.

É bem o tempo de proclamar abertamente a verdade essencial da vinda de Jesus. Os homens de estado expõem os princípios que deveriam governar o mundo depois da guerra. Elaboram-se planos em vista de assegurar um futuro melhor à sociedade. Espera-se evitar novas guerras, e é a preocupação geral, arrancar a humanidade à miséria e à infelicidade.

Em todos êstes planos, esquece-se a única coisa que permitiria a realização das esperanças humanas: a vinda do Senhor e a desapareição do pecado e do mal que há-de seguir-se. É pois bem o momento de cumprir a nossa missão anunciando a vinda do Senhor.

«Servos de Deus a busina tocai
Jesus em breve virá!
A todo o mundo a mensagem levai,
Jesus em breve virá».

Não basta que esta seja a mensagem de cada prægador pertencente ao nosso movimento; o que importa, é que todos os crentes proclamem esta verdade gloriosa por uma vida santa e consagrada. É do testemunho ressaltando de uma tal vida que o mundo acima de tudo necessita. Muitas pessoas se voltarão para o Senhor a fim de serem salvas, quando a verdade fôr assim proclamada duma maneira viva. É apenas por tal vida que podemos preparar-nos para a Sua vinda.

Quando Jesus voltar não encontrará senão duas classes de pessoas: as que estarão preparadas e as que não estarão. É às pessoas da primeira classe que se refere esta passagem: «Nêste dia se dirá: Eis aqui o nosso Deus; nós o esperamos e Êle nos salvará. Eis aqui o Senhor: nós o esperamos, estaremos alegres e rejubilaremos na Sua salvação».

Refere-se à outra classe de pessoas esta passagem: «E o céu se retirou como um livro que se enrola; e tôdas as montanhas e ilhas foram mudadas dos seus lugares. E os reis da terra, e os grandes,

e os chefes militares, os ricos, os poderosos, todos os escravos e os homens livres, se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas. E diziam às montanhas e aos rochedos: Cai sôbre nós, e, escondenos diante da face daquêle que está assentado no trono, e diante da ira do Cordeiro; porque o grande dia do seu furor é vindo, e quem poderá subsistir?»

Pensamento solene: nesta hora, talvez, nós decidimos a que classe pertenceremos. Importa pois grandemente obedecer à ordem do Mestre: «Estai vós também preparados». Êle dirige-se hoje a nós pela Sua palavra, assim como pelos acontecimentos que se desenrolam no mundo. É o que o Espírito de profecia nos fez claramente compreender:

«A mensagem que Deus dirige hoje aos habitantes da terra é: «Estai vós também preparados; porque o Filho do homem virá à hora em que vós não penseis». As condições da sociedade, sobretudo nos grandes centros de população, anunciam com voz de trovão que a hora do juízo chegou, e que o fim de tôdas as coisas se aproxima. Encontramo-nos no limiar da crise suprema. Os juízos divinos vão seguir-se em rápida sucessão: incêndios, tremores de terra, guerras e massacres. Temos de esperar acontecimentos graves e decisivos. Com efeito, o anjo de misericórdia não poderá proteger por muito mais tempo os impenitentes». (*Prophets and Kings*, pág. 278).

Como poderemos estar preparados

Cada um deve perguntar-se sèriamente como deve preparar-se. Nenhuma outra pergunta tem uma tão vital importância. No temor de não dar a êste pensamento todo o relêvo, empregando as minhas próprias palavras, prefiro ainda aqui citar a passagem impressionante do Espírito de profecia:

«Acreditais que o fim de tôdas as coisas está próximo, e que a história do mundo se acerca do fim? Se sim, mostrai a vossa fé pelas vossas obras. Cada um mostrará tôda a fé que possui. Alguns imaginam ter muita fé, quando a sua fé, se fé se lhe pode chamar, é morta, não se mostrando perfeita pelas obras. «A fé sem obras é morta em si mesma». São pouco numerosos aquêles que possuem uma fé autêntica, daquela que opera por caridade e purifica a alma. Todos aquêles

que forem julgados dignos da vida eterna ter-se-ão tornado aptos a recebê-la. «Amados, agora somos filhos de Deus, e o que havemos de ser ainda não é manifestado; mas sabemos que logo que Êle vier, sereis semelhantes a Êle, porque o veremos tal como é. Qualquer que tem esta esperança purifica-se, como também Êle é puro». Eis a obra que está diante de nós; resta-vos apenas o tempo necessário para cumpri-la, com a condição de nela aplicar-des todo o coração.

«Precisais de morrer para vós mesmos e viver para Deus. «Se pois estais ressuscitados com Cristo, procurai as coisas que são do alto, onde Cristo está sentado á direita de Deus». O *Eu* não tem nada mais a dizer. O orgulho, o amor próprio, o egoísmo, a avareza, a cubiça, o amor ao mundo, o ódio, os maus pensamentos, a inveja, a maledicência, devem ser vencidos e sacrificados para sempre. Quando o Cristo aparecer, não será para nos corrigir dêstes defeitos e nos preparar para a Sua vinda. A nossa preparação deve estar terminada antes da Sua volta. A nossa preocupação dominante, o nosso constante cuidado e o nosso estudo, devem resumir-se nesta pergunta: Que faremos nós para ser salvos? Como obteremos a aprovação de Deus?

«Quando fôrdes tentados a murmurar, a censurar, a irritar-vos, a ferir os que vos rodeiam, o que não acontece sem prejuízo para a vossa alma, perguntai-vos com ansiedade: Poderei eu conservar-me diante do trono de Deus, sem falta? Só estarão lá aqueles que estiverem sem mancha. Ninguém será transferido para o céu se tem ainda o coração cheio das imundícias do mundo. É preciso fazer desaparecer imediatamente todo o defeito de carácter, lavar tôda a mancha com o sangue purificador de Cristo, e vencer tudo o que é contrário à caridade».

(*Testimonies*, Vol. I, pp. 704-705).

A justiça de Cristo

É uma verdade vital: aquêles que aspiram à vida eterna no reino de Deus devem desde agora implantar nêles os princípios eternos do reino. Como fazê-lo? Quanto devemos estar reconhecidos de que o plano de salvação permita ao pobre pecador revestir-se de justiça e preparar-se para ocupar um lugar no reino eterno de Deus! Esta transformação está em vias de cumprimento entre muitas pessoas,

actualmente. Ela deve efectuar-se entre todos aquêles que queiram estar preparados para a vinda do Senhor.

«Não haverá um segundo tempo da graça para nos prepararmos para a eternidade. É nesta vida que precisamos vestir as vestes da justiça de Cristo. A ocasião actual é a única que teremos para formar caracteres que nos tornarão limpos para entrar nas moradas que Cristo foi preparar para aquêles que guardam os seus mandamentos». (*Les Paraboles*, p. 326).

As vestes nupciais da parábola representam o carácter puro e sem mácula dos verdadeiros discípulos. «Foi dado» à Igreja «vestir-se de linho fino, puro e resplandecente», «sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante». O linho fino, dizem as Escrituras, «é a justificação dos santos» (Apoc. 19:8; Efes. 5:27). É a justiça de Cristo, o Seu carácter irrepreensível, que é comunicada pela fé a todos os que O recebem como Seu Salvador pessoal. (*Idem*, p. 318).

«Só as vestes que o Senhor nos preparou nos poderão tornar aceitáveis aos olhos de Deus. Estas vestes, o vestido da justiça divina, Cristo dará a tôda a alma crente e arrependida. «Aconselho-te, disse Êle, que compres de mim... vestidos brancos, para que te vistas e não apareça a vergonha da tua nudez». (Apoc. 3:18) (*Idem*, p. 319).

Êste vestido, confeccionado com materiais do céu, não tem no seu tecido um só fio da sabeloria humana. Cristo, na Sua humanidade, formou um carácter perfeito, e é êsse carácter que Êle quiere-nos imputar». (*Idem*, p. 319).

«Praticar a justiça, é fazer o que é justo, e é pelas suas obras que cada um será julgado. São os nossos actos que põem em evidência o nosso carácter. São as obras que denotam se a fé é verdadeira ou não.

«Não basta crer que Cristo não é um impostor, e que a religião da Bíblia não é um conjunto de fábulas hábilmente concebidas. Pode crer-se que o nome de Jesus é o único nome que foi dado entre os homens pelo qual seja possível alcançar a salvação, e no entanto não O tomar como seu Salvador pessoal. Não basta crer a teoria da verdade. Não basta fazer profissão de crer em Jesus e fazer inscrever o seu nome no registo da Igreja. «Aquêle que guarda os seus mandamentos permanece em Deus, e Deus nêle; e nós conhecemos que Êle habita em nós pelo Espírito

que nos deu». «Se guardarmos os seus mandamentos, por êles saberemos que O havemos conhecido». Eis a pedra de toque da conversão. Qualquer que seja a nossa profissão de piedade, ela não nos servirá de nada a menos que o Cristo se manifeste em nós por actos de justiça». (*Idem*, pág. 320).

Os frutos da justiça

Uma verdade muito simples ressalta dos extractos que precedem: para sermos preparados para a vinda de Jesus, precisamos aceitar a Sua justiça pela fé. Não temos justiça própria. Só Êle é a nossa justiça. Não somos qualificados, se Êle não nos qualificar para a Sua vinda.

«A justiça interior é atestada pela exterior. Aquêle que é justo interiormente não se mostrará nunca sem coração e sem piedade. Dia após dia crescerá à imagem do Cristo, indo de fôrça em fôrça. Aquêle que a verdade santifica, mostrar-se-á senhor de si mesmo; marchará nas veredas de Cristo até que a graça cêda à glória. A justiça pela qual somos justificados é-nos imputada; aquela pela qual somos santificados é-nos comunicada. A primeira é a nossa carta de credencial para o céu; a segunda qualifica-nos perante o céu». (E. G. White, em *Review & Herald*, 4 de Junho de 1895).

«Um coração presunçoso faz esforços para merecer a salvação; mas a justiça de Cristo é o único título que nos assegura a entrada no céu». (Jésus-Christ, pág. 128).

«A justiça não se obtém por lutas penosas, ou esforços poderosos, nem por ofertas ou sacrifícios. Ela é oferecida gratuitamente a tôda a alma que dela tem fome e sede. «Todos os que tendes sede, vinde às águas, mesmo os que não tendes dinheiro! Vinde, comprai e comei... sem dinheiro e sem preço». «A sua justiça é enganosa, diz o Senhor (*a justicia dêles*)». «Eis o nome que Lhe será dado: O Senhor, Justiça nossa». (E. G. White, *Mount of Blessing*, pág. 34).

Um dia, encontrei-me ao pé da escada de Pilatos em Roma. Um monge aproximou-se e sugeriu-me que subisse essa escada de joelhos, parando de cada vez para murmurar uma oração da qual me daria o texto. Oferecia-me em troca nove anos de indulgência. Mas não acedi ao seu desejo. Lembrei-me da experiência que teve um peregrino que alguns séculos atrás, ao subir dessa maneira a escada, sentiu

retinirem aos seus ouvidos as palavras da Escritura: «O justo viverá da fé». Não, «a justiça não se obtem nem por lutas penosas, ou esforços poderosos, nem por ofertas ou sacrificios. Ela é oferecida gratuitamente a toda a alma que dela tem fome e sede».

Milhões de pecadores desejariam, se tal fôsse possível, comprar a sua graça ou merecer a sua salvação por actos de penitência, macerações, banhando-se em qualquer rio sagrado, ou imulando-se sobre qualquer altar.

Transformações exigidas

Repetimo-lo: É chegado o tempo em que a mensagem da vinda de Cristo deve ser proclamada pela vida consagrada e santa daquêles que professam crer na Sua próxima volta. Deve produzir-se uma mudança radical nos hábitos e conduta de muitas pessoas que fazem profissão de crer na Sua vinda.

Não mais compromissos com o mundo! O nível que foi baixado deve ser levantado de novo. O amor do mundo deve ser abafado. O prosseguimento de divertimentos vãos deve cessar. A idolatria da moda deve ser banida. O comer e beber devem ser conformes aos princípios divinos. A sensualidade e a imoralidade que reinam tão afrontosamente numa boa parte da literatura contemporânea, e que se afirmam no cinema e no teatro, têm um caracter tão vicioso e maléfico que não se pode esperar ser coberto pela justiça de Cristo nem estar preparado para a Sua vinda enquanto se acha prazer nessas coisas.

O mundo não estará preparado para

a vinda de Cristo. Para dizer mais claramente, o mundo não irá para o céu quando Cristo vier. Pode afirmar-se com a mesma certeza que aquêles que amam as coisas do mundo, e que se conformam às maneiras e aos costumes do mundo, não irão para o céu quando Jesus vier.

Uma transformação radical e total deve operar-se na vida de todo aquêles que ama o mundo, se o tal quere preparar-se para ir ao encontro de Jesus. Crer que Ele volta não basta. É preciso realizar a experiência adventista na sua plenitude.

O apêlo que ressoa hoje

Hoje deve ressoar um apêlo para cada um, homem, mulher ou criança, no nosso meio. É um apêlo em vista do poderoso movimento de avanço na santidade da vida, em vista dum verdadeiro progresso espiritual. É um apêlo para que nos volte-mos do mundo. Um apêlo para que cessemos toda a relação, e rompamos todo o compromisso com o mundo. É um apêlo a confessarmos e banirmos todo o pecado conhecido. É um apêlo para nos voltarmos para o Senhor de todo o nosso coração. É um apêlo a buscá-lo como nunca antes. É um apêlo a seguir as direcções do Espírito Santo. É um apêlo a consagrarmos a nossas vidas e os nossos bens ao acabamento da obra de Deus no mundo. É um poderoso apêlo a nos prepararmos para a vinda do nosso bem amado Senhor.

Quem deseja responder hoje a este apêlo?

«Estai vós também preparados; porque o Filho do homem há-de vir à hora em que vós não penseis».

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Publicação bi-mensal

Director: A. Dias Gomes
Redactor: Ernesto Ferreira
Administrador: A. F. Reposo

Redacção e Administração

Rua Joaquim Bonifácio, 17 — LISBOA-Norte

Número avulso 1\$00
Assinatura anual..... 5\$00

Composto e Impresso na
Tip. GOMES & RODRIGUES
32, Rua des Picôes, 34—Lisboa

Leia no seu interesse

Saúde e Lar

A sair bimestralmente
no próximo ano de 1944

Dirija-se hoje mesmo ao obreiro
da sua congregação, ou directamen-
te à

PUBLICADORA ATLÂNTICO, L. DA
e faça uma assinatura anual.

"SENHOR, ENSINA-NOS A ORAR"

Primeiro de uma inspiradora série de estudos
sobre a Oração do Senhor

por A. W. Spalding

Certo dia, em certo lugar, Jesus orava. Os seus discípulos estavam perto d'Ele, escutando a Sua oração. E quando Ele terminou, um dos Seus discípulos — seria Pedro? João? ou talvez mesmo Judas Iscariotes? —, falando por todos disse: «Senhor, ensina-nos a orar».

Não era o caso que estes discípulos nunca tivessem aprendido a orar. Eram judeus; tinham sido criados em lares hebreus, os lares mais notavelmente religiosos de todo o mundo. E tal como as crianças de hoje nos lares cristãos, tinham nos seus lares judaicos ajoelhado com suas mães e aprendido a fórmula da oração infantil. Iam à Sinagoga aos Sábados e, de pé na congregação, ouviam os seus rabis entoar petições a Jehová, o Deus de Israel. E sem dúvida, tal como as crianças fazem hoje, eles também decoraram e guardaram para inclusão nas suas próprias orações as tão repetidas frases de invocação: «Deus de nossos pais», «lembra-te de Israel», «fazê resplandecer sobre nós a Tua face», «protege o Teu povo», «espalha os nossos inimigos», «dirige os incrédulos com vara de ferro», «Jehová Deus, Rei dos reis». Estes discípulos oravam.

Porque, então, disseram a Jesus: «Senhor, ensina-nos a orar»? Ah, talvez porque, a sós com Ele, debaixo da figueira, ou atrás da rocha no deserto, num pequeno bote sobre o revoltoso mar ou no alto da montanha, eles ajoelharam para ouvi-Lo orar, e sentiram-se transportados a um outro mundo, um mundo de amor, de confiança, de paz e poder que nunca tinham conhecido antes. Ouviram-no falar com Deus, não como a um distante, invisível, impenetrável Juiz, mas como a um amigo familiar. Viram-No dar graças pelo constante milagre do sol que desponta cada dia, pelo brilho cintilante das estrelas através do escuro da noite, e pela vida que torna estas coisas significativas. Ouviram-No pedir conselho sobre os problemas da Sua missão — os doentes, os pecadores, tristes; implorar poder para confortá-los e curá-los... Pedia pela recepção e bên-

ção dos Seus companheiros, discípulos que tinham abandonado as suas ocupações no mundo para aprender de Ele... Enquanto Jesus orava, os Seus discípulos perdiam a consciência do mundo que os rodeava; olhavam para o céu; viam a semelhança da divindade que nenhum mortal pode contemplar; sentiam de algum modo a pureza, o poder, a benignidade e o amor de Deus. Desejavam ter o mesmo poder, invocar a realidade e realização do céu. Se pudessem orar como orava o Seu Mestre! Por isso exclamaram: «Senhor, ensina-nos a orar».

No seu pedido, Jesus compreendeu não só o desejo de um pequeno, de meia dúzia de favorecidos que Ele tinha reunido fazendo deles a Sua família mais próxima, mas também o anseio de todos os corações dos seus verdadeiros discípulos de todos os tempos. E na sua resposta não se dirigiu apenas a Tiago e a João, a Pedro e André, Simão e Judas; falou também a Paulo, àquê tempo ainda não convertido, a Policarpo, a Lutero, a Livingstone, ao apóstolo, martir, reformador, missionário e discípulo através de todos os tempos, a vós e a mim.

«Senhor, ensina-nos a orar». As nossas pequenas vidas estão tapadas pelas duras paredes da circunstância e o baixo telhado dos nossos sentidos. Não sabemos o que devemos pedir. As pequenas orações que fazemos, para facilitar os nossos empreendimentos, para satisfação dos nossos desejos, para favorecer a nós próprios ou ao nosso grupo, deixa-nos insatisfeitos, com o sentido de ganhos fúteis, de uma necessidade recorrente, de uma fome insatiável, de uma vida improdutiva. Por que devemos pedir? Como devemos pedir? A quem devemos pedir? Qual deve ser o nosso espírito na oração? Como devemos orar com energia para quebrar as cadeias do pecado, para utilizar os braços em serviço, para alcançar o céu do coração de Deus, para acompanhar com os imortais através os séculos da eternidade? Senhor, ensina-nos a orar!